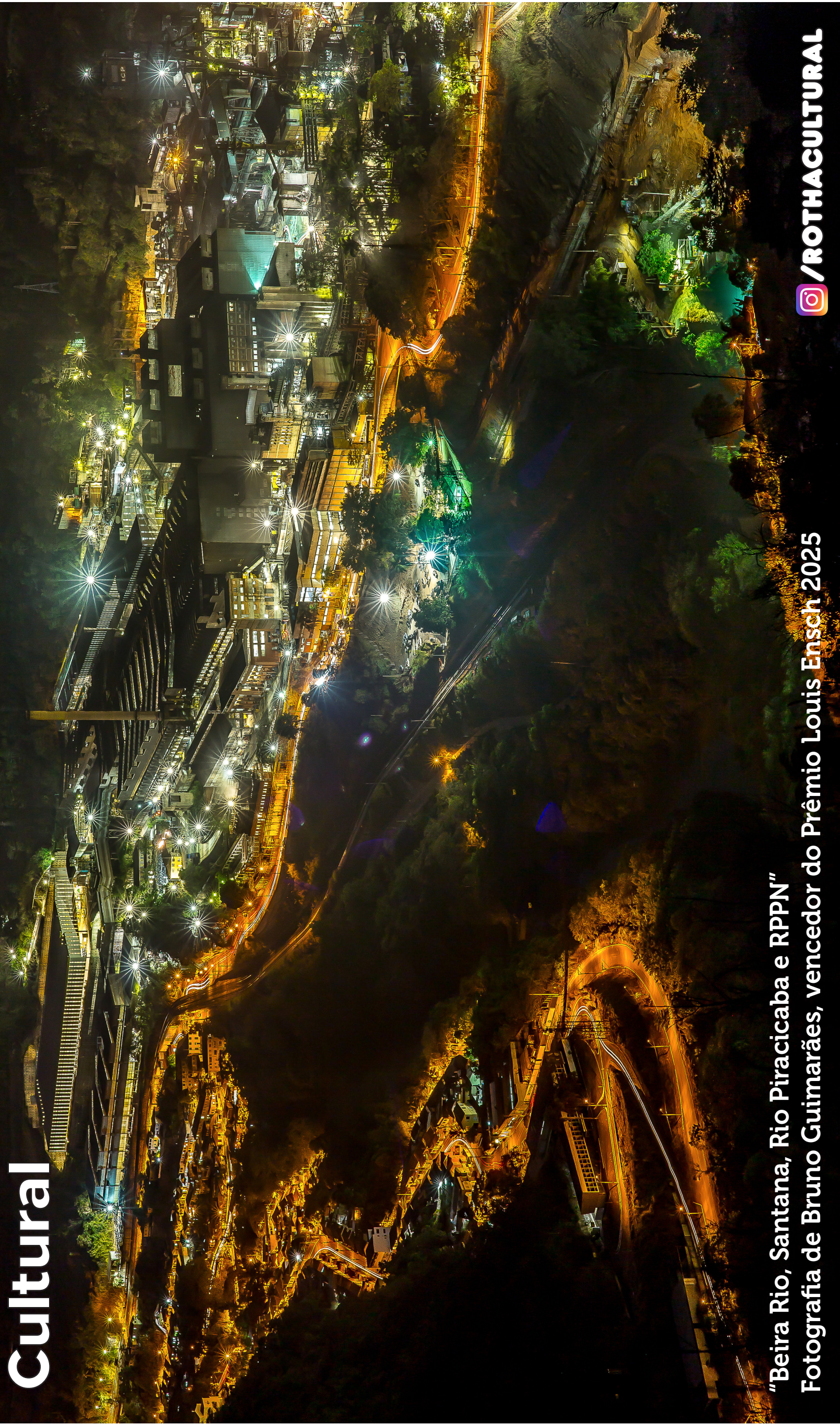


ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar
histórias, memórias e identidades
Edição nº 23 - Outubro 2025



“Beira Rio, Santana, Rio Piracicaba e RPPN”
Fotografia de Bruno Guimarães, vencedor do Prêmio Louis Ensch 2025

O Rotha Cultural tem a honra de apresentar as obras vencedoras da mais recente edição do Prêmio Louis Enschedé 2025:

Em Nome da Memória

Com a lente da Fotografia e tinta da Literatura, os participantes, sobretudo os vencedores, cumpriram a missão de resgatar, homenagear e dar voz às histórias que moldam nossa identidade cultural e a memória coletiva.

Publicamos as fotos, crônicas e poema vencedores do Prêmio, obras que capturaram a essência dos patrimônios históricos e as histórias de Monlevade!
Confira:

VILA DA ETERNIDADE



Lugar
Crônica/
Poesia

Erivelton
Braz

O zumbido dos aparelhos formava uma espécie de sinfonia mecânica, interrompida pelos bip's compassados do monitor. Naquele leito de CTI, a cada gota de soro que descia pelo tubo, contraditoriamente, a vida parecia escorrer silenciosa. O corpo, cansado, pedia o repouso eterno, mas a mente, teimosa e inquieta, insistia em permanecer desperta. Assim, de olhos semicerrados, ele já não via as paredes brancas nem ruídos apressados lutando pela sua existência. O mundo à sua volta dissolvia-se etéreo. Entre o torpor dos remédios e a claridade das lembranças, despertava-se outra realidade: uma manhã de sol na Vila Tanque, na Monlevade de sua infância.

O cheiro de carvão dos altos-fornos misturava-se ao aroma do café recém passado na casa dos pais. Era menino outra vez, correndo descalço pelas ruas estreitas da Vila Operária desviando das bolas improvisadas com meias e toucas das irmãs mais velhas. A pelada só terminava quando a voz materna ecoava: - Ô, menino, vem logo pra dentro!

Uma enfermeira pegou seu braço para aplicar a medicação, mas ele não estava mais ali, em BH, mas no Hospital Margarida. No consultório, doutora Deia, de branco, estetoscópio ao pescoço, atendia com firmeza e doçura. A garganta ardendo... a febre. O remédio veio em forma de uma dolorosa injeção de benzetacil.

As memórias se entrelaçavam com a realidade do CTI. Por entre médicos e enfermeiros ele tentava enxergar o jogo. Agora, driblava-os para chegar ao Estádio Louis Enschedé. A grama verde faiscando sob o sol, as linhas da cal brilhando. O grito da arquibancada enchia a cidade com os nomes que se tornaram lendas: Vaccari, Bené, Canhoto... O Metalúrgico marcava um gol, e com ele pulsava o coração de Monlevade inteira. Alguém ajeitou os lençóis, mas ele já não sentia. O som do CTI se confundia com os gritos de "olé".

Entre o sono e o acordar, estava no Social Clube, em um baile de carnaval. Zé Teco e seu conjunto entoava marchinhas e sambas. Serpentinhas e o perfume Rodouros eram lançados no ar. Ele, jovem pirata de tapa-olho, puxava pela mão uma odalisca para fora dali. Os corações acelerados no compasso de: "Se você fosse sincera, óóó Aurora". À medida que subiam a escada circular, saíam do clube, a música ia ficando para trás, até o silêncio cúmplice do portão de ferro do Cemitério Histórico, onde trocaram um beijo tímido.

As cenas vinham em sequência, como se um projetor rodasse dentro de si. A imagem da casa azul dos pais, o portão baixo rangendo ao abrir, era nítida. Ao longo das ruas pequeninas, casinhas de madeira, iguais, alinhadas.

A vida simples e sem disfarces. Viu seu pai chegando da Usina, subindo a Avenida Contorno com os companheiros, trazendo suor no rosto, esperança no peito e nas mãos as garrafinhas com o saboroso leite do lactário. Sorriu. De repente, o chamado urgente por dona Carmem, a parteira de todas as horas, que saiu apressada para ajudar mais uma criança a nascer na rua de baixo.

Caminhava, agora sem nenhuma dor, pelas ruas do bairro amado. Os vizinhos de outrora, que ele não via há anos, estavam ali de novo, saudando-o como se eles jamais tivessem partido. Os meninos ainda jogavam bola nos campinhos e nas ruas. O clube preparava mais um baile. O cemitério guardava segredos e memórias, dos pioneiros, dos escravizados de Monlevade, dos amores juvenis.

Ali, no limiar entre dois mundos, ele compreendeu. O passado não era ausência, nem sombra. Existia. Permanecia vivo como disse William Faulkner: "O passado nunca está morto. Nem sequer passou".

E, quando se reconheceu de volta à Vila Operária onde se criou, percebeu que já não havia corpo fatigado, nem tubos, nem monitores, nem médicos apressados. Havia apenas pertencimento. Havia outra vida e ele se fundiu a essas lembranças. Porque ali, naquele pedaço de chão, ele nunca deixou de viver.

EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA
Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br
CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.500 exemplares
João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaborador desta edição:

Sinézio Santiago

Igreja São José Operário – Ipê Amarelo

2º

Lugar

Fotografia

Pedro
Américo
Machado



Os

homens que vieram monlevadear
podem ter chegado de vistas belas, de eras novas,
de rios com e sem-peixe.

Os homens que vieram monlevadear
têm fé em São Domingos, em São Gonçalo
e em São José Operário,
o que opera milagres em seu templo erguido em
“V”,

o que vigia a vila valente e a vereda viçosa,
o que vela a viela siderúrgica e venturosa,
o que vislumbra o vigor, a vontade e a vitória.

Se a forja é belga ou catalã, é mineiro o minério,
é mineiro o ferro que alimenta o forno,
é mineiro o aço que lhe dá trabalho,
é solar o lar do forasteiro de Guéret
Os homens que vieram monlevadear
têm no braço o rastro do labor-cansaço.
Todavia o riso, todavia o fato:
a quem dão abrigo, são de fino trato.

Há homens que vieram monlevadear
e pousaram seu casario na avenida Aeroporto,
a elegância sóbria entre os flamboyants.
Nas terras de antigos e céleres carneirinhos,
fez-se da praça e do mercado um ponto...
de lotação, do lotação e de encontro.
E de encontros se faz um povo,
se faz o laço e o alvoroço.
E entre eles, eis-me aqui,
monlevadense, monlevadenso,
monlevadiço com muito gosto.

MONLEVADIÇO

2º

Lugar

Crônica/ Poesia

José
Mendes

Acesse: rothacultural.com.br

Antigo Colégio Estadual – Avenida Getúlio Vargas 100

30

Lugar

Fotografia

Marília

Brum

Nascimento



NEM CAÇAR, NEM PESCAR. SÓ AMAR

Sentado ali na beirada do meio-fio estava Antônio José, numa mão segurava uma garrafa de vinho (de algum nome que ele nem tentou pronunciar) e na outra o cachecol roxo de Dona Cotinha. Ainda eram dez horas da manhã mas o pé batucava cada vez mais rápido e alto no chão, como se quisesse apressá-la, de onde quer que ela estivesse vindo. Cogitou que ela pudesse não aparecer, porque mesmo que estivesse enlouquecendo (de saudades, de amor ou de velhice), ele sabia que em algum momento ela não viria mais. Foram cinco longos anos sem um sinal sequer. Antônio chorava quando acordava, quando cozinhava, quando saía, quando voltava, quando dormia.

Às dez e vinte Dona Cotinha chegou e Antônio mais do que depressa já foi falando "Vamos andando, minha veia. Hoje fazemos 50 anos de casados e não é porque você morreu e virou fantasma que não vamos comemorar". Começaram a andar naquele passo meio lento meio manco, observando tudo ao redor: a rua que um dia já foi movimentada por famílias gigantescas de operários, amigos de longa data, que um a um foram-se indo junto com Dona Cotinha. Ruas onde crianças corriam descalças e mães faziam bolos cheirosos. As janelas que agora só ficam fechadas, mas que antes eram cheias de plantas, cortinas coloridas e mulheres com cabelos cheios, esvoaçantes e risadas altas cheias de vida.

"Cê lembra minha véia? Nós dois saindo ali de dentro da Matriz, um calor danado, cê botou aquele vestido branco pesado e eu só pensando como que eu ia conseguir tirar tanto de trem que cê tava por baixo de saia". Dona Cotinha deu aquela risada safada, aquela risada gostosa, mas que Antônio não sabia se era delírio ou segunda chance de ser feliz na vida. Passaram pela Matriz São José Operário em silêncio, um tanto pelo respeito e o outro tanto pela admiração de tamanha beleza em forma de igreja. "Ahh minha véia, podíamos ter vindo aqui mais vezes, mas a vida passou rápido demais, criamos família, filho, neto, quase bisneto e mesmo assim eu queria mais umas três décadas dividindo a vida com você...".

Foi cansaço, bufada e as mãos dadas com o vento, mas finalmente chegaram ao destino final. Antônio pediu licença ao porteiro e insistiu em pagar duas entradas: "Eu sou mais velho que você, faz favor de pegar esse dinheiro e me deixa entrar, não tá vendo que vim comemorar?". Já era quase meio dia, o porteiro só queria almoçar, bufou qualquer coisa e deixou Antônio subir.

"Hoje minha véia..." - Antônio meio que chorou ou meio que sorriu - "Hoje não tinha como ser outro lugar. Porque fui bem aqui, há 50 anos, naquela folia barulhenta e cheia de gente, que eu vi seu vestido vermelho cheio de bolotinha preta e pensei: 'Aquele muié vai ser minha'. Então dançamos: eu pisando no seu pé, você perguntando se eu caçava ou pescava, porque se era Clube de Caça e Pesca, um dos dois eu tinha que fazer. Rindo, eu disse que nem um, nem outro, que eu só vim curtir a folia de carnaval e que tinha medo de tiro e não comia peixe. Cê riu alto e me puxou pelo salão. A música alta, o forró tocando e nós dois girando até seguirmos caminho afora pra ver bicho, peixe, onça... e eu te contar aquela mentira: que tinha um leão no alto da trilha, só pra te beijar um pouco, enquanto a gente ouvia de longe as araras e maritacas gritando no viveiro". Dona Cotinha ouvia tudo atenta, serena e com um sorriso - mostrando que entendia, mas que não ia (ou não conseguia) dizer nada.

Antônio falou, andou, subiu, chorou, queria mesmo era chegar ao balanço que naquela época nem existia, mas que anos depois os dois foram namorar escondido no Clube e algum dos cinco filhos foi feito ali mesmo. Mais quinze minutos andando e apareceu a paisagem que hoje - depois de uns bons anos sendo apenas memórias esquecidas - era um parque colorido, bonito e cheio de vida.

Ele estendeu o cachecol naquela grama molhada e deu uma batidinha pra Dona Cotinha sentar. Silêncio, e um bocado de passarinho cantando, piando e comemorando o dia com eles.

"Abra o vinho não, meu véio. Já tá na hora de voltar pra casa", Dona Cotinha finalmente falou. E no meio daquele parque verde e colorido, com o sol queimando as bochechas enrugadas, Antônio deitou no cachecol e foi-se embora com sua véia.

30

Lugar

Crônica/ Poesia

Cibele Sena

“MINAS GERAIS: CONTOS E CONFIDÊNCIAS”

Coletânea celebra literatura mineira com participação da monlevadense Mariana de Jesus

A literatura mineira ganha novo fôlego com o lançamento da coletânea Minas Gerais: Contos e Confidências, da editora Pangeia. A obra convida o leitor a mergulhar nas paisagens, histórias e sentimentos que moldam o imaginário do estado. Organizada e apresentada por Luísa Coelho, a coletânea reúne trinta escritores mineiros contemporâneos, entre nomes consagrados e novas vozes da Literatura.

A proposta traz um mosaico de narrativas que revelam a alma multifacetada do Estado. Entre os autores, está a monlevadense Mariana Geralda de Jesus, que contribui com um conto sensível e original, reafirmando o vigor criativo dos escritores de João Monlevade e sua inserção no cenário literário mineiro.

A proposta da coletânea vai além da simples reunião de textos. Minas Gerais: Contos e Confidências propõe uma verdadeira imersão no universo mineiro, onde a história, a cultura e a natureza se entrelaçam de forma singular. Em cada conto, o leitor é levado a desvendar nuances do território e do espírito das “Gerais”, ora em tom poético e introspectivo, ora com humor e ironia, compondo uma leitura que é tanto contemplação quanto descoberta.

A seleção dos autores — en-

tre eles Luiz Ruffato, Guiomar de Grammont, Carlos Herculano Lopes, Luiz Vilela, Roniwalter Jatobá, Sérgio Fantini, entre outros — evidencia o diálogo entre a tradição literária mineira e a renovação representada por jovens escritores, muitos deles egressos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse contraste, cuidadosamente planejado, reforça a importância de valorizar o talento emergente ao lado de nomes já consolidados, resultando em uma coletânea rica em estilos, vozes e perspectivas.

Desde a epígrafe, a obra traz um olhar cativante e bem-humorado sobre a personalidade do mineiro, ressaltando seu jeito particular de ver o mundo — um misto de introspecção, ironia e universalidade. Cada página revela fragmentos de uma identidade plural, onde passado e presente se fundem em narrativas que exaltam o ethos das Minas e desvelam a sua alma.

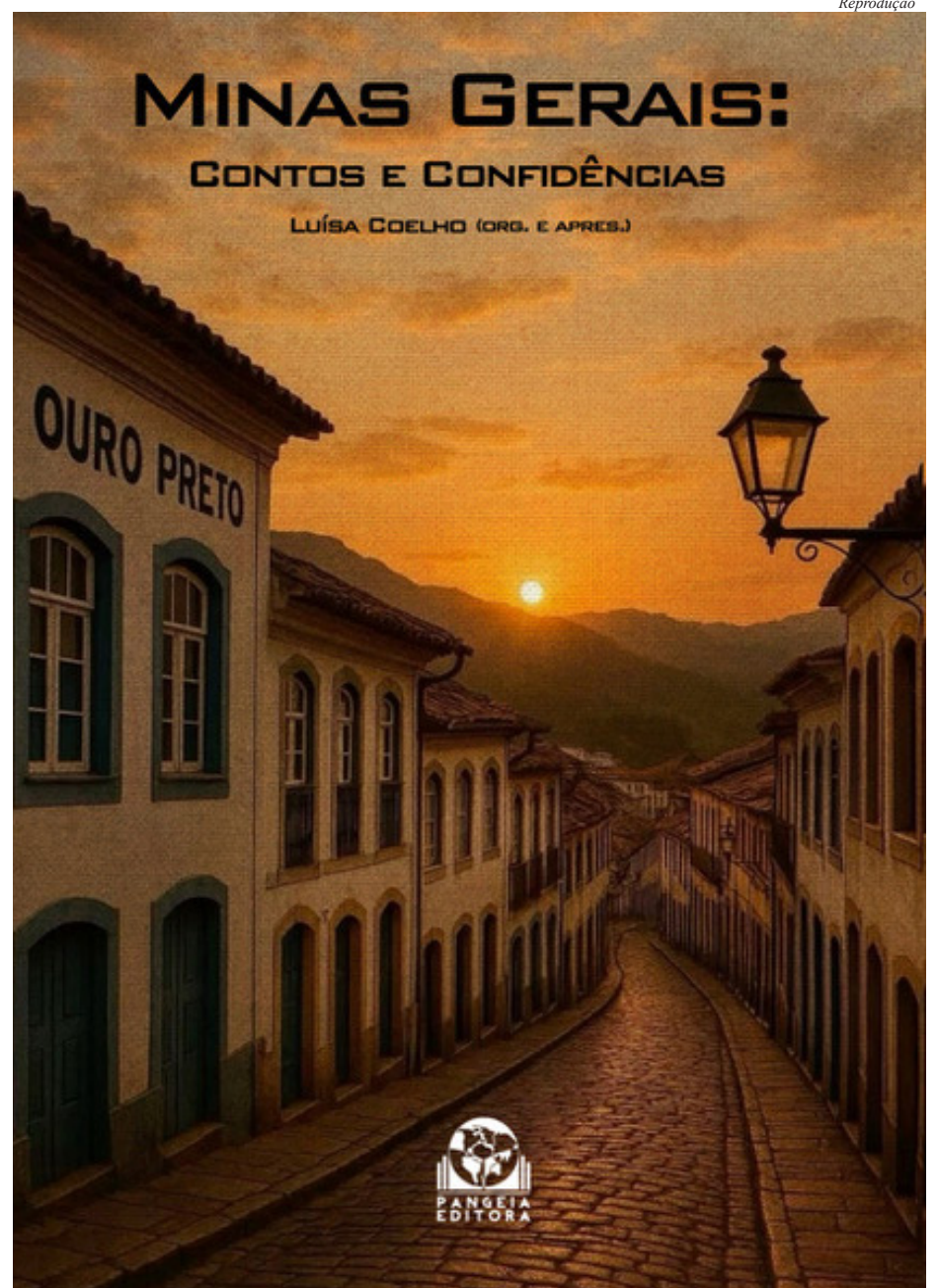
Com Minas Gerais: Contos e Confidências, a literatura do estado reafirma sua força e diversidade, reunindo escritores que, juntos, constroem um retrato afetivo e profundo dessa terra de montanhas, memórias e histórias que nunca se esgotam.

Autores da coletânea: Alciene Ribeiro Leite, Ana Cecília Carvalho, Branca Maria de Paula, Car-

los Herculano Lopes, CF Scuo, Cristina Agostinho, Cunha de Leiradella, Débora R. Sousa, Dina Dominick, Eltânia André, Francisco Turres Gomes, Guiomar de Grammont, João Camilo de O. Torres, José Carlos Aragão, Juliana Afonso, Júlio Borges

Gomide, Laura Oliveira Coelho, Luís Giffoni, Luiz Ruffato, Luiz Vilela, Madu Brandão, Mariana Geralda de Jesus, Rauer, Rodrigo Bragamotta, Ronaldo Cagian, Roniwalter Jatobá, Sérgio Fantini, Tarisa Faccion, Wanessa Fernandes e Willia Katia Oliveira.

Reprodução



**ACESSE O SITE
E O INSTAGRAM
E SIGA NOVAS ROTHAS**



rothacultural.com.br/



@rothacultural



A CULTURA QUE EMOCIONA NUNCA MORRE



Reprodução

(*) Sinézio Santiago

Na metade da década de 1970 e início da de 1980, um grupo de amigos se reunia sempre na varanda da casa da família Magalhães e Vasconcelos. Geraldo, Ronivaldo, Rone e outros irmãos, unidos aos amigos, tocavam violão e cantarolavam as novidades que surgiam naquela época, uma das mais ricas da música brasileira. Era bonito ver tanto entusiasmo e talento naquela turma.

Desses encontros e sonhos nasceu o Grupo Bendegó (foto), que chegou a se apresentar no antigo Cine São Geraldo. Surgiam ali os “Amigos do Clube das Esquinas”, já que o grupo se reunia nas adjacências das ruas Vitória, Juiz de Fora e Raposos, no bairro de Lourdes. Hoje, permanecem amigos de longa data: os irmãos Magalhães e Vasconcelos, os irmãos Franco, os irmãos Pena Forte – filhos da saudosa dona Preta – e a família Patrocínio, com Marcos e Regina. Também faziam parte Cláudio Mineiro (presidente do Real), Reinaldo, Sinézio, Sinhá, Tão, Carlão, Margarida, Bete, Vera, Lauzin, Marcelo Pereira, além dos saudosos Rogério Tobias e Ronildo Magalhães, entre tantos outros que se reuniam ali.

Com o passar do tempo, todos foram se distanciando, mas Geraldo Vasconcelos tornou-se regente do Coral Madrigal Roda Viva e, hoje, é maestro e secretário de Cultura da cidade de Conselheiro Lafaiete.

Dessa época também guardamos lembranças do saudoso Chico Franco e de seu filho Teíque, que compuseram diversas músicas para festivais da região; de Geraldo Di Noite, Neide Roberto, Rômulo Rás – que ainda canta e encanta em seu aconchegante espaço – e de Ricardo Monlevade. Lembramos também da Banda Magnus Som, da Banda e Corporação Guarani, do Coral

Monlevade e de tantos outros artistas que contribuíram enormemente para a nossa cultura.

É difícil lembrar de todos. Monlevade deixou para trás riquezas culturais que hoje são lembradas por saudosistas de primeira qualidade, que se orgulham dessas memórias. Como não citar Francisco de Paula Santos, o popular Barcelona, verdadeiro colecionador de histórias impressas, sempre orgulhoso ao lembrá-las – um verdadeiro arquivo vivo da nossa cultura.

Outro nome de destaque é Wir Caetano, jornalista experiente que foi responsável por resgatar o acervo cultural do Sindicato dos Metalúrgicos. Luiz Ernesto de Oliveira Guimarães, com seus contos e os “Candeeiros”, também marcou época. Assim como Marcelo Melo, que administra um rico acervo em seu “Morro do Geo”, onde preserva um jornalismo satírico de uma época que muitos não viveram – e os que viveram se emocionam com essas lembranças. E há ainda Márcio Passos, fundador do Jornal A Notícia, único na região que circula de forma impressa há 40 anos, de maneira ininterrupta – um grande feito para os tempos atuais. A cultura é uma verdadeira reatualização de tudo o que já foi produzido nas terras de João Monlevade.

Com o passar do tempo, surgiu também o médico, cantor e compositor Aggeu Marques, que se radicou na cidade e promoveu shows com sua banda Yesterdays, interpretando Beatles e recebendo músicos ligados ao Clube da Esquina e à MPB nacional. Mais recentemente, despontou na cidade o talentoso Bruno Felga, parceiro do saudoso Tunai e de outros grandes artistas. Às vezes canta sozinho, às vezes com sua banda. Diversidade é com ele mesmo – um grande talento de Monlevade e da região, com agenda sempre lotada e carisma que conquista o público.

Como editor do Jornal A Notícia e profissional de vasta experiência, surgiu também o Jornal Rotha Cultural, criado pelo jornalista e escritor Erivelton Braz, que além da versão impressa, conta a história de Monlevade, de seus monumentos e ruas antigas em vídeos nas redes sociais, explicando a origem de cada um. Um belo trabalho que enriquece ainda mais o acervo da nossa memória, especialmente para os mais jovens, que não conheceram a história local.

No dia 1º de outubro de 2025, Erivelton Braz lançou, na Câmara Municipal, seu mais novo livro sobre a trajetória de Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade no Brasil – uma obra que expressa, de forma romântica, toda a dedicação do jornalista à nossa história e mostra por que a nossa cultura jamais pode ser esquecida. É uma grande obra, repleta de pesquisa e documentos históricos.

Esse livro nos remete a um passado que muitos não conheciam – um romance leve e, ao mesmo tempo, cheio de aventuras. É uma leitura grandiosa e necessária, sobretudo para todos que contribuíram com o desenvolvimento de uma cidade tão acolhedora.

Para quem viveu o passado e vive o presente, o futuro há de trazer orgulho da nossa gente. Precisamos preservar nossa cultura, mantê-la viva e rica. O que passou só se vive uma vez – e depois se torna relíquia para as futuras gerações. Por isso, nunca devemos esquecer as nossas raízes. Naquela época, ainda jovem, ouvindo meus “Amigos do Clube das Esquinas”, descobri que sem cultura nós não vivemos – nos isolamos. Valorizo muito aqueles amigos, onde tudo começou. Em destaque, parabéns e agradeço Erivelton Braz pela belíssima obra que acabo de ler, que certamente será reverenciada e contada por gerações futuras.

Viva a nossa cultura.

Viva Monlevade



(*) Sinézio Vilela Santiago é aposentado

Festival de Arte Negra Ayeye reafirma força da cultura afro-brasileira em São Gonçalo

*Rapper MV Bill é
uma das atrações
do evento*



Reprodução

São Gonçalo do Rio Abaixo se prepara para celebrar a diversidade e a ancestralidade com o Festival de Arte Negra Ayeye, que acontece de 10 a 22 de novembro. A programação, que integra as comemorações do Mês da Consciência Negra, reforça a importância da arte e da memória afro-brasileira na construção da identidade cultural do município e da região.

Além da agenda de shows e atividades, o festival propõe um encontro de saberes, espaços para o diálogo, o reconhecimento e a valorização das expressões negras que moldaram a cultura brasileira. Oficinas, palestras, exibições de filmes, seminários e apresentações artísticas ocuparão a Praça Central e o Centro Cultural, promovendo reflexões sobre ancestralidade, resistência e pertencimento.

PROGRAMAÇÃO

A abertura será no dia 10 de novembro, às 13h, com a oficina gastronômica “Cozinhas de Afetos”, que conecta culinária e memória. No dia seguinte, o seminário “Territórios que Ecoam” traz à pauta temas como identidade e território. A programação segue com o escritor Jessé Andarilho, no bate-papo “Entre Ruas e Palavras” (13), e com a exibição dos filmes “Morro do Cemitério” (14) e “Tem Gringo no Morro” (18), ambos destacando perspectivas negras nas artes visuais.

O festival também reverencia as expressões urbanas e a cultura

hip-hop, com o espetáculo “Breakdance: Movimento e Resistência” (19). Já o Dia da Consciência Negra (20) será o ponto alto da programação, com uma série de atrações na Praça Central, incluindo Batalha de Rima, palestra e show com MV Bill, Tambores do Morro, DJ Tony e Luccas Carlos.

A festa continua no dia 21, com shows de Shall MC, desfile do Grupo Hopdance e o grande encerramento da noite com o grupo Só Pra Contrariar. O encerramento oficial ocorre no sábado (22/11), com uma manhã de esporte, tradição e celebração popular, reunindo corrida e caminhada, congado, capoeira e shows de Raquel Moreira e Pagodim Delas, com Graci Bombom e Ana Santiago.

Realizado pelo Movimento Negro de São Gonçalo do Rio Abaixo em parceria com a Prefeitura Municipal, por meio das Secretarias de Cultura e Turismo e Esporte, Lazer e Juventude, o Festival Ayeye conta com patrocínio da Vale e Fidens e apoio cultural da Rede Minas.

Segundo a Prefeitura, o Ayeye representa a reafirmação de uma cultura ancestral, além de ser convite à escuta, à partilha e à celebração das vozes negras que continuam a pulsar na história e no presente de São Gonçalo do Rio Abaixo.

MODERNIZAÇÃO E SEGURANÇA A SERVIÇO DA POPULAÇÃO!



O painel eletrônico de votação e as catracas com reconhecimento facial já fazem parte do dia a dia da Câmara Municipal.

Modernização que fortalece a confiança da população, com mais clareza nas votações e controle seguro de acesso ao Legislativo.

Tecnologia que aproxima você da Câmara com confiança e eficiência!



Câmara Municipal de
João Monlevade
Câmara forte, cidade forte!

BIÊNIO 2025/2028

CEMITÉRIO HISTÓRICO DE MONLEVADE

Patrimônio de memória abre as portas no Dia de Finados



João Monlevade guarda, no bairro Vila Tanque, um espaço que carrega parte fundamental da história da cidade. O Cemitério Histórico: verdadeiro patrimônio de memória coletiva e símbolo das origens do município. No próximo domingo (2), Dia de Finados, o local estará aberto à visitação pública, das 8h às 16h, sem necessidade de agendamento prévio.

Preservado e mantido pela ArcelorMittal, o Cemitério Histórico foi construído há cerca de 100 anos, por volta de 1820 e é considerado o mais antigo espaço de sepultamento da cidade. Originalmente, abrigava os restos mortais de escravizados que trabalhavam na Forja Catalã e no Solar de Monlevade, marcos fundadores da história siderúrgica local. Infelizmente, não há identificação desses escravizados no local e nem dos locais

onde foram sepultados.

PIONEIROS

Com o passar dos anos, o cemitério tornou-se também o repositório da memória dos pioneiros que moldaram João Monlevade. Ali repousa o francês Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade, falecido em 14 de dezembro de 1872, figura central na fundação da forja e símbolo do início da industrialização na região. Seu desejo de ser sepultado junto aos escravizados que trabalharam em suas terras foi atendido pela família, gesto que carrega forte valor simbólico.

No mesmo espaço, encontra-se o túmulo de Senhorinha da Silva, falecida em 16 de setembro de 1871, escravizada e dama de companhia de Dona Clara de Souza Coutinho, esposa de Monlevade, um registro que também preserva a memória das

vozes silenciadas da história.

O cemitério guarda ainda o túmulo de outro personagem essencial para o desenvolvimento de Monlevade: o engenheiro siderurgista luxemburguês Louis Jacques Enschede, responsável pela implantação da nova usina nas terras do pioneiro Monlevade e pela construção das vilas operárias que originaram a cidade moderna. Enschede, falecido em 9 de setembro de 1953, teve seu corpo trasladado da Europa a pedido próprio, sendo sepultado ao lado da esposa, Maria Coutinho Enschede.

Outros sepultamentos completam essa memória histórica: o engenheiro alemão Ervin Krue-

ger, falecido em 1940, que atuava na Usina de Monlevade como chefe de instalações elétricas, além de Orozimbo Bemvindo Brasileiro e José Alvim, mortos em 22 de agosto de 1942, em confrontos ocorridos na região durante o período da Segunda Guerra Mundial.

O Cemitério Histórico é um testemunho da formação de João Monlevade, abrigando as histórias que entrelaçam a escravidão, a imigração, a siderurgia e o nascimento de uma cidade. Sua abertura à visitação no Dia de Finados representa uma oportunidade rara para que a comunidade possa reconhecer, preservar e refletir sobre suas raízes.



Fotos: Reprodução



ACESSE O SITE E O INSTAGRAM E SIGA NOVAS ROTHAS

rothacultural.com.br/

[@rothacultural](https://www.instagram.com/rothacultural)